

## SEÇÃO V Inflação

### Sumário

**Maria Andreia Parente Lameiras**  
Técnico de Planejamento e Pesquisa da  
Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

[maria-andreia.lameira@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameira@ipea.gov.br)

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumula alta de apenas 2,5%, nos últimos doze meses encerrados em outubro. Mesmo diante de uma aceleração esperada para o último bimestre deste ano, a inflação prevista pelo Grupo de Conjuntura da Dimac do Ipea para 2019 é de 3,4%, 0,15 ponto percentual (p.p.) abaixo da projetada na Visão Geral da *Carta de Conjuntura* 44, divulgada em setembro último.

O resultado surpreendentemente favorável da inflação brasileira nos últimos meses, beneficiado pela melhora no comportamento dos preços dos alimentos, da energia elétrica e dos combustíveis, gerou não apenas uma melhora das expectativas inflacionárias para o ano, como também possibilitou um alívio maior sobre a inflação das famílias de renda mais baixa. De fato, nos últimos dois meses, a classe de menor poder aquisitivo foi a que apresentou as menores taxas de inflação, com variações de -0,10% e 0,01%, em setembro e outubro, respectivamente. Na outra ponta, embora também se tenham registrado variações em patamares confortáveis, a inflação do segmento mais rico da população registrou alta de 0,02% em setembro e de 0,17% em outubro. Com a incorporação destes resultados, a inflação acumulada em doze meses das classes mais pobres desacelerou mais rapidamente que a do grupo mais rico, gerando um estreitamento entre as taxas de inflação. No entanto, a faixa de renda mais baixa apresenta uma inflação acumulada de 2,67%, ainda acima da observada na faixa mais alta (2,58%).

Diante de um cenário delineado por um crescimento mais forte da atividade econômica e seus prováveis efeitos positivos sobre o mercado de trabalho e, conseqüentemente, sobre o consumo das famílias, a inflação prevista para o 2020 é de 3,7%. Espera-se uma aceleração moderada da inflação de alimentos, cuja projeção de 4,1% incorpora não apenas um aumento do consumo interno, mas também as perspectivas da safra 2019/2020 e uma pressão adicional nos preços das carnes devido ao aumento da demanda externa. Nossos modelos também projetam um comportamento menos favorável dos demais bens industriais e dos serviços livres. No caso dos bens, a inflação, estimada em 2,1%, contempla um aumento um pouco mais significativo dos preços dos artigos de consumo duráveis, que, mesmo diante de um cenário sem pressões cambiais, tendem a ser impactados também pela expansão do crédito. Por sua vez, as taxas de inflação de 5,5% para os preços administrados, de 5,1% para os serviços de educação e de 3,1% para os demais serviços livres se manterão levemente acima das projetadas para 2019.

# 1 Índices de preços: núcleos e difusão

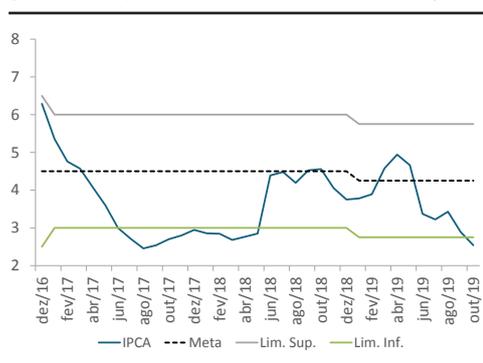


No último trimestre, a inflação brasileira, medida pelo IPCA, continuou surpreendendo favoravelmente, combinando sucessivas quedas de preços de alimentos no domicílio e uma forte desaceleração dos preços administrados. Em outubro, o IPCA apontou variação de 0,10%, alcançando o menor patamar inflacionário para o mês desde 1998. Com a incorporação deste resultado, a inflação acumulada em doze meses desacelerou de 2,9% em setembro para 2,5% em outubro, situando-se, inclusive, abaixo do limite inferior da banda de tolerância da meta de inflação (gráfico 1). Esta melhora no comportamento do IPCA nos últimos meses gerou uma significativa desaceleração das expectativas de inflação para o ano, de tal modo que, mesmo diante de uma leve reversão na margem, a taxa estimada pelo mercado recuou de 3,7% em agosto para 3,3% em outubro (gráfico 2). Dentro deste contexto, marcado por uma dinâmica inflacionária menor que o esperado, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea também indicam uma alta mais modesta para o IPCA em 2019, de 3,4%, levemente abaixo da projetada na edição anterior da *Visão Geral da Carta de Conjuntura* (de setembro), de 3,55%. Para 2020, prevemos uma aceleração moderada da inflação, para 3,7%, ainda abaixo da meta.

GRÁFICO 1

## IPCA – índice total

(Taxa de variação acumulada em doze meses, em %)

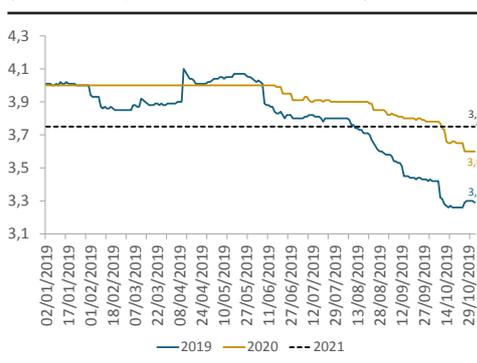


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2

## IPCA – expectativas de inflação

(Taxa de variação acumulada no ano, em %)

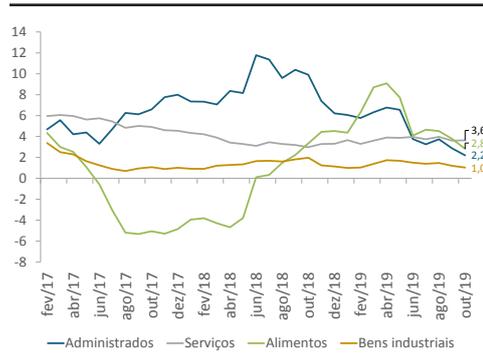


Fonte: Relatório Focus/BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Na desagregação do IPCA acumulado em doze meses, os dados revelam que, desde o início do segundo trimestre, vem se estabelecendo uma melhora disseminada por praticamente todos os componentes do índice, mas, sobretudo, por uma desaceleração mais expressiva dos alimentos e dos preços administrados (gráfico 3). No primeiro caso, observa-se que, após apontar uma taxa acumulada em doze meses de 9,1%, em abril, a inflação dos alimentos no domicílio iniciou um processo de forte reversão, de forma que, em outubro, a alta registrada foi de 2,8%. De modo análogo, os preços administrados recuaram de 6,8% para 2,2%, nesta mesma base de comparação.

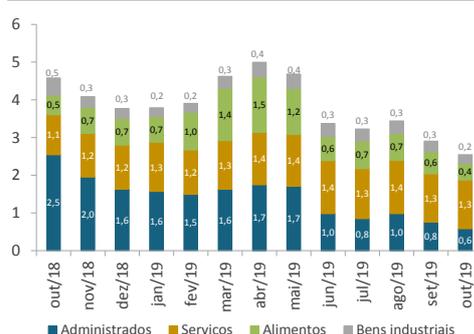
Como consequência desse alívio vindo dos alimentos e dos monitorados, a decomposição do IPCA revela que, nos últimos meses, a maior contribuição ao índice vem do segmento de serviços livres. Nos últimos doze meses, encerrados em outubro, a alta de 3,6% dos serviços foi responsável pela metade da inflação do período (gráfico 4). Na outra ponta, mesmo diante de uma desvalorização cambial, os bens industriais continuam registrando taxas de inflação bem-comportadas, cujas variações explicam menos de 10% de toda a inflação acumulada.

**GRÁFICO 3**  
**IPCA por categorias**  
 (Taxa de variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

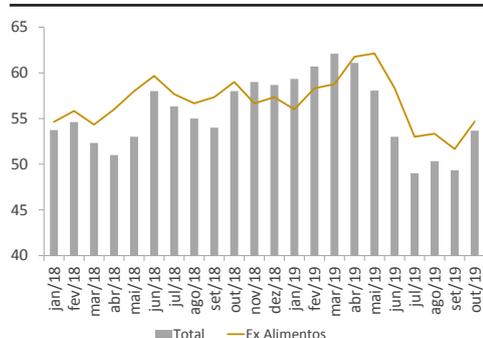
**GRÁFICO 4**  
**Participação das categorias no IPCA em doze meses**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

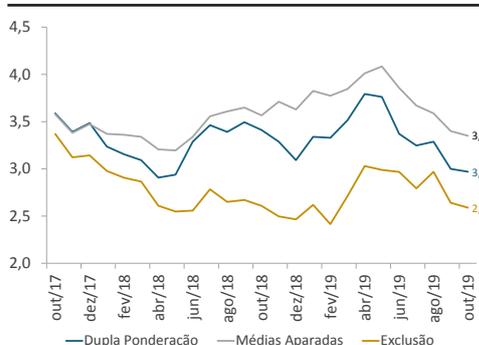
A desaceleração da inflação apurada pelo IPCA vem sendo ratificada pelas trajetórias tanto do índice de difusão quanto dos indicadores de núcleo inflacionário. No que diz respeito ao índice de difusão, nota-se que houve uma pequena aceleração no último trimestre móvel, encerrado em outubro, porém a proporção de itens dentro do IPCA com variação positiva mantém-se em um patamar confortável, em torno de 53% (gráfico 5). No caso dos núcleos, esta melhora inflacionária é ainda mais latente, tendo em vista que, independentemente do cálculo utilizado, todas as medidas não só indicam uma desaceleração ao longo dos últimos meses, mas também apontam variações bem abaixo do centro da meta (gráfico 6).

**GRÁFICO 5**  
**Indicador de difusão do IPCA**  
 (Médias móveis trimestrais)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

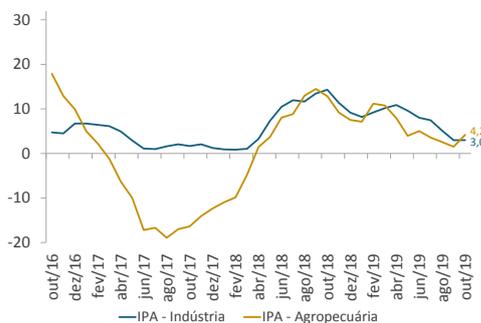
**GRÁFICO 6**  
**IPCA – medidas de núcleo de inflação**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O arrefecimento dos preços ao consumidor vem acompanhando a melhora no comportamento dos preços no atacado, que apresentaram taxas de variação mais moderadas nos últimos meses. Não obstante uma aceleração na margem, a inflação no atacado, acumulada em doze meses, medida pelo Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), registrou alta de 3,3%, em outubro, ante taxa de 2,6% observada em setembro. No entanto, na comparação com outubro de 2018, o

GRÁFICO 7  
Índice de preços ao produtor amplo - IPA  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

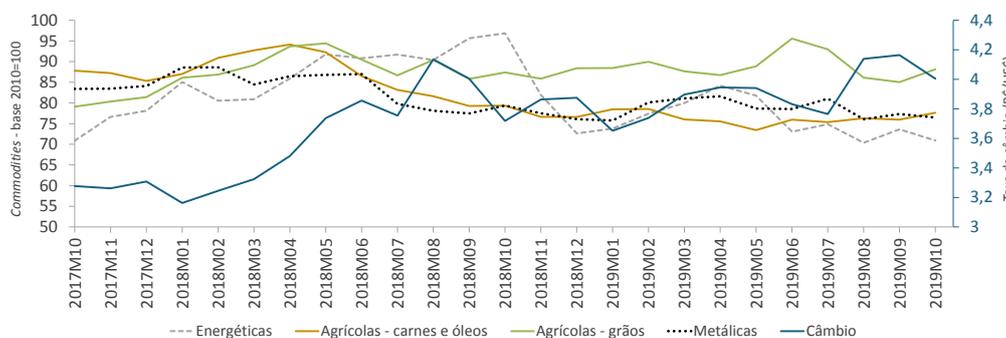


Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

IPA acumulado em doze meses aponta forte recuo, tendo em vista que a variação apontada neste mesmo mês do ano anterior havia sido de 13,9%. Na abertura entre preços agrícolas e industriais, os dados mostram que, embora haja um de desaceleração de ambos os segmentos, as maiores quedas foram verificadas no grupo de preços industriais. Nos últimos doze meses, até outubro, o IPA industrial apresenta alta de 3,0%, mantendo-se estável em níveis bem confortáveis (gráfico 7). No caso dos preços agrícolas, entretanto, observa-se que, apesar da alta de 4,2%, em outubro, contra 1,5% em setembro, esse conjunto de preços também registra uma trajetória mais favorável, tendo em vista o passado recente.

Parte desta melhora ocorrida no comportamento dos preços no atacado, nos últimos meses, reflete um movimento conjunto de desaceleração das cotações das *commodities* no mercado internacional, em especial petróleo e grãos, e de leve apreciação cambial ocorrida em outubro (gráfico 8). Para o restante do ano, no entanto, a tendência é de reversão deste cenário mais benevolente, devido a fatores como a recuperação dos preços das *commodities* no mercado externo e a recente apreciação da taxa de câmbio, que, combinada a um deslocamento da produção de carnes para as exportações para a China, deve gerar alta de preços ao produtor no mercado interno.

GRÁFICO 8  
Índice de *commodities* e taxa de câmbio



Fonte: Banco Mundial e BCB.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Inflação de alimentos



Após iniciar o segundo semestre do ano com uma variação acumulada em doze meses de 4,7%, a inflação de alimentos vem surpreendendo positivamente, de tal modo que, em outubro, a alta registrada foi de apenas 2,8%. Na desagregação deste conjunto de itens observa-se que, nos últimos três meses, houve uma desaceleração de itens importantes como tubérculos, cereais, aves e ovos e panificados (tabela 1). Nota-se ainda que, na comparação com outubro de 2018, embora haja uma elevação da taxa de inflação em nove dos dezesseis subgrupos pesquisados, a queda de 19,1 p.p. dos leites e derivados, aliada à melhora da trajetória das farinhas, dos panificados e das frutas, explicam a retração de 0,5 p.p. da inflação em doze meses dos alimentos no domicílio.

TABELA 1  
IPCA – alimentação no domicílio por subgrupos  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

	out/18	ago/19	set/19	out/19
Alimentação no domicílio	<b>3,3</b>	4,5	3,8	<b>2,8</b>
Cereais, leguminosas e oleaginosas	<b>-2,2</b>	10,1	7,6	<b>6,6</b>
Farinhas, féculas e massas	<b>0,5</b>	-2,0	-2,3	<b>-0,7</b>
Tubérculos, raízes e legumes	<b>7,9</b>	67,1	54,9	<b>15,9</b>
Açúcares e derivados	<b>-4,5</b>	1,1	2,6	<b>1,7</b>
Hortaliças e verduras	<b>5,7</b>	12,0	6,0	<b>7,1</b>
Frutas	<b>9,8</b>	14,3	7,5	<b>7,7</b>
Carnes	<b>1,6</b>	4,8	4,8	<b>6,0</b>
Pescados	<b>3,1</b>	1,1	1,2	<b>0,1</b>
Carnes e peixes industrializados	<b>-0,1</b>	1,9	0,7	<b>1,0</b>
Aves e ovos	<b>1,0</b>	11,5	11,1	<b>10,1</b>
Leite e derivados	<b>14,0</b>	-8,7	-5,2	<b>-5,2</b>
Panificados	<b>5,5</b>	1,0	0,1	<b>-0,3</b>
Óleos e gorduras	<b>2,7</b>	0,5	2,4	<b>2,5</b>
Bebidas e infusões	<b>-0,8</b>	0,5	-0,2	<b>0,2</b>
Enlatados e conservas	<b>2,8</b>	3,2	2,9	<b>2,7</b>
Sal e condimentos	<b>-0,9</b>	5,3	5,5	<b>6,2</b>

Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Esta melhora de desempenho dos preços dos alimentos no varejo é decorrente de um movimento de desaceleração similar apontado pela inflação ao produtor. Em outubro, no acumulado em doze meses, a inflação do IPA bens finais – alimentação apontou a segunda queda consecutiva, ao registrar taxa de 6,5%, ante altas de 10,0% e 7,3% registradas em agosto e setembro, respectivamente (gráfico 9). Nota-se que, mesmo em desaceleração, a inflação no atacado mantém-

se acima da observada no varejo, desde julho de 2018, indicando que o ainda modesto crescimento da demanda, provavelmente, deve estar limitando o repasse total dos reajustes recebidos pelo produtor para o consumidor final.

Boa parte da melhora no comportamento dos alimentos, em especial dos grãos, já era esperada, tendo em vista que as estimativas de safra 2018/2019 indicam um aumento de 6,3% em relação à safra anterior. Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola

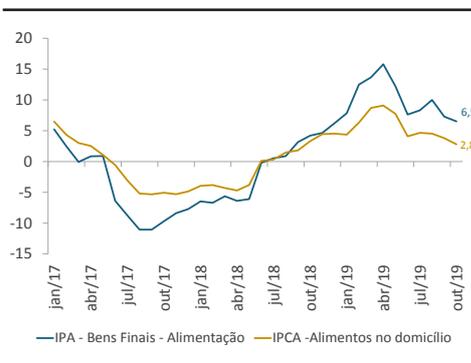
(LSPA) divulgado pelo IBGE em outubro, estima-se que a produção brasileira de grãos deva chegar a 240,8 milhões de toneladas este ano – que, se confirmada, será, inclusive, maior que a supersafra 2016/2017 (238,4 milhões). Ainda de acordo com o IBGE, o aumento de 23% da produção de milho irá mais do que compensar a queda das produções de soja (-4,1%), arroz (-12,0%) e café (-16,5%). Em que pese esta melhora da produção de grãos, nos próximos meses, a tendência é de aceleração dos preços dos alimentos, combinando os efeitos da recente desvalorização cambial e uma pressão de alta das carnes. No caso das carnes, nota-se que, além da sazonalidade do período, a queda de produção chinesa, devido à gripe suína africana, vem gerando um deslocamento de parte da produção para as exportações, encarecendo o preço do produto no mercado interno – questões detalhadas na seção de Economia Agrícola desta *Carta de Conjuntura*.

Levando em consideração essas informações, a previsão do grupo de conjuntura da Dimac é que a inflação dos alimentos no domicílio deve encerrar o ano em 2,9%. Para 2020, no entanto, a expansão do consumo das famílias, aliada aos prognósticos preliminares da safra 2019/2020 e à pressão sobre os preços da carne, especialmente, no primeiro semestre do ano, deve gerar uma aceleração da inflação deste segmento, que deve chegar a 4,1% ao fim do próximo ano.

### 3 Inflação de bens e serviços

Os preços ao consumidor dos bens industriais, a despeito de certa recuperação do consumo das famílias, seguem apresentando variações pouco expressivas, com alta de apenas 1,0% nos últimos doze meses. O gráfico 10 mostra que todos os segmentos (duráveis, semiduráveis e não duráveis) convergiram para patamares próximos a esse. A alta pouco expressiva dos aparelhos eletrônicos (1,4%) e o recuo de 0,12% no preço dos automóveis novos explicam a variação reduzida dos bens de consumo duráveis, mesmo diante de um cenário de juros em queda. Assim como ocorre com os alimentos, essa desaceleração dos preços dos bens de

GRÁFICO 9  
Inflação de alimentos – IPCA versus IPA  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

consumo duráveis para o consumidor final reflete uma descompressão da inflação no atacado, cuja alta de 1,6% em outubro se apresentou como o menor resultado



**GRÁFICO 10**  
**IPCA – Bens de Consumo industriais**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**GRÁFICO 11**  
**IPCA x IPA – Bens de Consumo industriais**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

desde dezembro de 2017 (gráfico 11).

No caso dos serviços livres, nota-se que, apesar de apresentarem ao longo dos últimos meses um comportamento marcado por uma leve ascensão, a inflação acumulada em doze meses deste grupo vem registrando taxas inferiores a 4,0%, influenciada, sobretudo, por uma alta concentrada em alguns segmentos, como transporte, saúde e educação (tabela 2). Deve-se ressaltar, entretanto, que mesmo apresentando a maior variação entre todos os subgrupos, a inflação, em doze meses, dos serviços educacionais recuou 0,5 p.p. entre outubro de 2018 e de 2019. Por outro lado, os serviços de transporte e médicos foram os que mostraram maior crescimento entre 2018 e 2019, impactados, respectivamente, pelas altas das passagens aéreas, que aceleraram de -3,2% para 12,6%, e dos serviços médicos, que passaram de 3,9% para 6,6%.

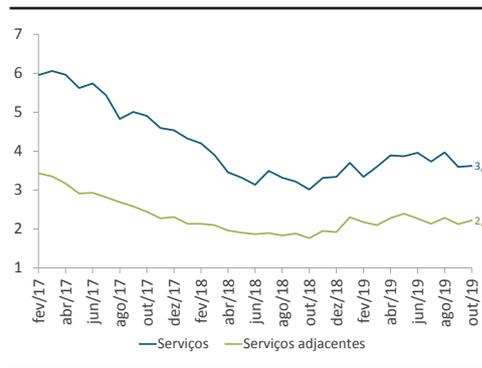
**TABELA 2**  
**IPCA de serviços livres por subgrupos**  
(Variação acumulada em doze meses, em %)

	Total	Serviços de Alimentação	Serviços Residenciais	Serviços de Transportes	Serviços Médicos	Serviços pessoais e de recreação	Serviços de Educação	Serviços de Comunicação
out/18	3,0	3,3	2,3	-0,1	3,7	3,7	5,4	1,1
nov/18	3,3	3,6	2,7	2,2	3,9	3,7	5,4	0,6
dez/18	3,3	3,2	2,8	4,2	4,0	3,4	5,4	0,6
jan/19	3,7	3,9	2,7	5,0	4,4	4,0	5,5	0,5
fev/19	3,3	3,7	2,6	1,9	4,6	4,0	4,9	0,3
mar/19	3,6	3,3	2,7	5,8	4,7	4,2	4,9	0,3
abr/19	3,9	4,2	3,0	6,1	4,5	4,1	5,0	0,3
mai/19	3,9	3,9	3,5	4,9	4,9	4,2	4,9	0,0
jun/19	4,0	3,8	3,6	7,1	4,7	4,0	5,0	0,0
jul/19	3,7	3,2	3,4	5,5	4,7	4,1	5,0	0,8
ago/19	4,0	3,4	3,6	7,4	4,8	4,1	4,8	1,0
set/19	3,6	3,1	3,6	4,1	5,0	3,8	4,8	1,0
out/19	3,6	3,3	3,5	4,4	4,9	3,7	4,9	1,0

Fonte: IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por seu turno, a análise dos serviços subjacentes (cuja metodologia desenvolvida pelo BCB exclui a influência de três conjuntos de itens – passagens aéreas, hotel e excursão; empregado doméstico e mão de obra na residência; e cursos regulares e diversos, internet, telefone e TV a cabo) aponta uma trajetória bem mais benéfica, com taxas de inflação em doze meses em desaceleração e próximas a 2,0% (gráfico 12).

GRÁFICO 12  
**IPCA – inflação de serviços livres**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



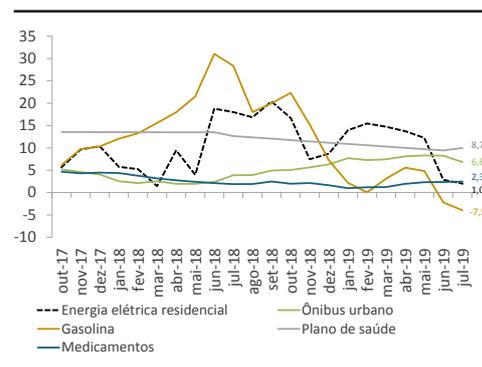
Fonte: IBGE e FGV.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Segundo o cenário base delineado para o restante de 2019 e 2020, o crescimento mais intenso da demanda doméstica, combinado à expansão do crédito, deve exercer uma pressão adicional sobre os preços dos bens e serviços livres. De fato, as projeções de inflação indicam que, após encerrar o ano de 2019 com taxa de 1,8%, os bens livres, exceto alimentos, devem apresentar leve incremento em 2020 (2,1%). De modo similar, os serviços educacionais e os demais serviços livres também devem registrar aceleração no ritmo de crescimento dos seus preços, de forma que as altas de 4,9% e 2,8%, estimadas para 2019, devem se manter abaixo das projetadas para 2020 (5,1% e 3,1%, respectivamente).

## 4 Inflação de preços administrados

Nos últimos três meses, os preços administrados intensificaram ainda mais sua trajetória de desaceleração, iniciada em maio, de tal modo que, em outubro, a inflação acumulada em doze meses deste segmento apontou alta de apenas 2,2%. Esta desinflação é decorrente, sobretudo, da melhora no comportamento da energia elétrica e da gasolina (gráfico 13). No primeiro caso, observa-se que, após uma aceleração entre agosto e setembro, as tarifas de energia elétrica recuaram fortemente em outubro (-3,2%), gerando uma retração da taxa acumulada em doze meses, cuja alta de 0,97% vem a ser o menor resultado desde junho de 2017. No caso da gasolina, os dados mais recentes mostram uma dinâmica ainda mais favorável, tendo em vista que, desde junho, a taxa de inflação em doze meses encontra-se em terreno negativo. Em outubro, a gasolina registra uma queda acumulada de 7,5%, resultado este bem inferior ao observado nestes mesmos meses de 2017 e 2018, mantendo-se a mesma base de comparação (gráfico 14).

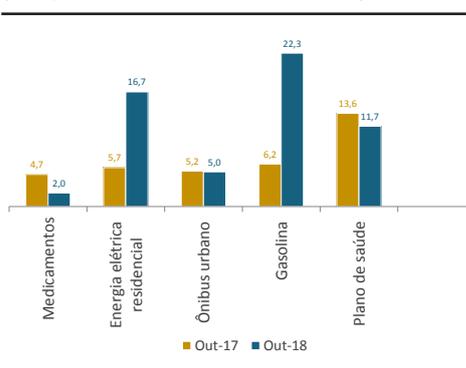
GRÁFICO 13  
**IPCA – inflação de preços administrados**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No que diz respeito aos três outros itens de maior peso dentro do segmento dos administrados, nota-se que, à exceção dos medicamentos, cuja taxa de inflação em doze meses encontra-se estável em patamar favorável, tanto as curvas inflacionárias relativas aos planos de saúde e as tarifas de ônibus urbano ainda se situam em nível superior ao da meta para o IPCA. Deve-se salientar ainda que, embora ainda apresente uma inflação em doze meses elevada (8,7%), os reajustes dos planos de saúde vêm recuando nos últimos anos.

GRÁFICO 14  
**IPCA – inflação de preços administrados**  
 (Variação acumulada em doze meses, em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

De acordo com a previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac, a expectativa para os dois últimos meses do ano é de aceleração, de modo que os preços administrados devem encerrar 2019 com variação de 5,4%, repercutindo sobretudo uma forte alta em novembro, devido, principalmente, à adoção da bandeira amarela nas tarifas de energia e ao reajuste de 28% nos preços dos jogos lotéricos. Para 2020, entretanto, o cenário projetado é de estabilidade em relação a 2019, com uma inflação de preços administrados de 5,5% ao fim do ano.

## 5 Inflação por faixa de renda

Embora tenha registrado aceleração em todas as classes pesquisadas, na margem, em outubro, o Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda<sup>1</sup> vem apresentando, nos últimos dois meses, uma trajetória bem favorável, especialmente para as famílias de renda mais baixa, quando comparado ao observado neste mesmo período do ano anterior.

TABELA 3  
**Inflação por faixa de renda**  
 (Variação mensal e acumulada, em %)

Faixa de renda	ago-19	set-19	out-19	Acumulado no ano	Acumulado doze meses
Muito baixa	0,12	-0,10	0,01	2,63	2,67
Baixa	0,13	-0,07	0,04	2,56	2,58
Média-baixa	0,14	-0,05	0,08	2,62	2,71
Média	0,12	-0,02	0,10	2,63	2,58
Média-alta	0,10	0,01	0,14	2,63	2,53
Alta	0,08	0,02	0,17	2,73	2,58

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em setembro, o Indicador Ipea apontou deflação nas três faixas de renda mais baixa, com destaque para o segmento mais pobre, com uma queda de preços média de 0,10% (Tabela 3). Na outra ponta – famílias de renda alta – os dados mostram uma inflação de 0,02%. Este comportamento inflacionário mais benevolente entre

1. O Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda é calculado com base nas variações de preços de bens e serviços disponibilizados pelo Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor (SNIPC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Metodologia disponível em: <http://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2017/11/16/inflacao-por-faixa-de-renda>.

as classes menos abastadas veio, sobretudo, da deflação de 0,70% dos alimentos no domicílio, que constituem o grupo com maior peso na cesta de consumo das famílias mais pobres. No caso das classes mais altas, mesmo diante deste alívio inflacionário vindo dos alimentos, o reajuste de 0,57% dos planos de saúde, aliado à alta de 1,7% dos produtos de higiene pessoal, explica esta pequena aceleração dos preços em setembro.

De forma semelhante, em outubro, o Indicador Ipea também registrou uma dinâmica inflacionária mais benéfica para as famílias de menor poder aquisitivo. Além da leve retração de 0,03% dos preços dos alimentos no domicílio, a queda de 3,2% das tarifas de energia elétrica foram os dois principais pontos de alívio sobre a inflação dos mais pobres, em outubro, atenuando inclusive as altas de 0,19% da alimentação fora do domicílio, de 0,63% dos itens de vestuário e de 0,9% dos produtos de higiene pessoal. Assim como ocorrido nos segmentos de renda mais baixa, a queda no preço da energia também contribuiu favoravelmente para aliviar a inflação dos mais ricos (tabela 4); no entanto, os reajustes de 1,4% dos combustíveis e de 1,9% das passagens aéreas geraram uma forte pressão sobre o grupo transportes, que sozinho, contribuiu com 0,11 p.p. para a taxa inflacionária total da classe de renda alta.

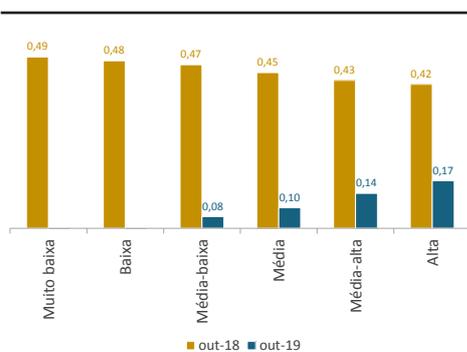
TABELA 4  
Inflação por faixa de renda – contribuições por grupos (outubro/2019)

	IPCA	Renda muito baixa	Renda baixa	Renda média-baixa	Renda média	Renda média-alta	Renda alta
	Variação (%)	Impacto em (p. p.)					
<b>Inflação Total</b>	0,10	0,01	0,04	0,08	0,10	0,14	0,17
Alimentação	0,05	0,01	0,02	0,02	0,01	0,01	0,01
Habituação	-0,61	-0,12	-0,12	-0,10	-0,09	-0,07	-0,05
Artigos de residência	-0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Vestuário	0,63	0,04	0,04	0,04	0,05	0,04	0,04
Transportes	0,45	0,04	0,05	0,06	0,08	0,10	0,11
Saúde e Cuidados pessoais	0,40	0,04	0,04	0,05	0,04	0,05	0,04
Despesas pessoais	0,20	0,00	0,01	0,01	0,01	0,01	0,02
Educação	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Comunicação	-0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação ao registrado em outubro de 2018, os dados apontam uma melhora significativa das taxas de inflação em todas as classes, com destaque especial para os segmentos de renda mais baixa (gráfico 15). De fato, enquanto a taxa de inflação da faixa de renda mais baixa recuou de 0,49% para 0,01%, na camada de renda mais alta esta queda foi menos acentuada, ainda que expressiva, pois passou de 0,42% para 0,17%. Esta desaceleração inflacionária mais intensa para as famílias de menor

GRÁFICO 15  
Inflação por faixa de renda  
(Variação mensal, em %)



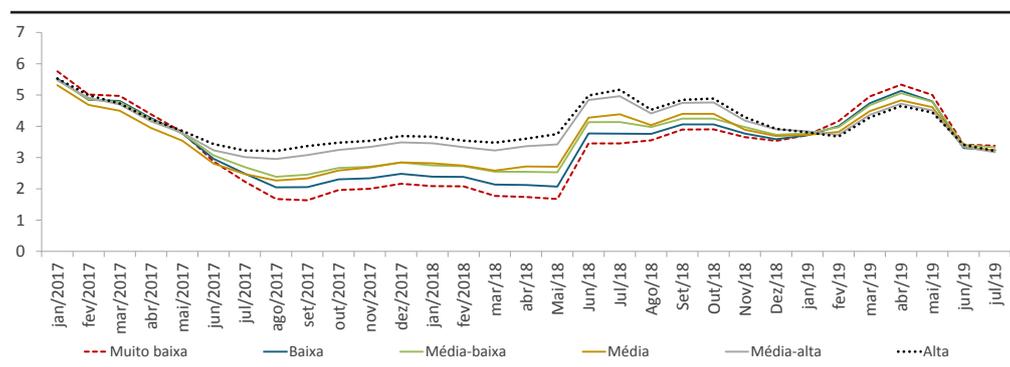
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

renda é explicada pela melhora na trajetória dos alimentos e da energia, cujas taxas de variação de 0,91% e 0,12%, respectivamente, registradas em outubro do ano passado, ficaram bem acima das deflações de 0,03% e 3,2% observadas este ano. Adicionalmente, deve-se pontuar que, dos nove grupos que compõem o indicador, sete apresentaram em 2019 taxas de crescimento de preços inferiores às de 2018. Já para as famílias mais ricas, as quedas menos acentuadas dos combustíveis e dos planos de saúde, em 2019, impediram uma desaceleração mais forte da inflação neste segmento.

GRÁFICO 16

**Inflação por faixa de renda**

(Variação acumulada em doze meses, em %)



Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea

Após a incorporação do resultado de outubro, observa-se que, pelo segundo mês consecutivo, todas as classes de renda apresentaram desaceleração das suas curvas de inflação acumulada em doze meses (gráfico 16). Na comparação entre os segmentos, os dados indicam que, embora em patamares próximos, a inflação da faixa de menor poder aquisitivo (2,67%) situa-se acima da observada na classe de renda mais alta (2,58%). Ressalta-se ainda que o segmento de renda média baixa é o que apresenta a maior taxa de inflação para o período (2,71%).

TABELA 5

**Faixas de renda mensal domiciliar**

(Em R\$)

Faixa de renda	Renda domiciliar (R\$ jan/2009)	Renda domiciliar (R\$ ago/2019)
1 - Renda muito baixa	menor que R\$ 900,00	menor que R\$ 1.638,70
2 - Renda baixa	entre R\$ 900,00 e R\$ 1.350,00	entre R\$ 1.615,64 e R\$ 2.453,41
3 - Renda média-baixa	entre R\$ 1.350,00 e R\$ 2.250,00	entre R\$ 2.418,20 e R\$ 4.097,89
4 - Renda média	entre R\$ 2.250,00 e R\$ 4.500,00	entre R\$ 4.039,09 e R\$ 8.195,79
5 - Renda média-alta	entre R\$ 4.500,00 e R\$ 9.000,00	entre R\$ 8.078,17 e R\$ 16.391,58
6 - Renda alta	maior que R\$ 9.000,00	maior que R\$ 16.391,58

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## **Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



### **Grupo de Conjuntura**

#### **Equipe Técnica:**

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### **Equipe de Assistentes:**

Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Moraes Cornelio  
Felipe Simplicio Ferreira  
Helena Nobre de Oliveira  
Janine Pessanha de Carvalho  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Pedro Mendes Garcia

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.